Dia	Hora	Intenções
Seg. 21	19:30	**- VIIº Dia** - Manuel Rodrigues Gonçalves (pg).
Terça 22	19:30	- António de Oliveira Fernandes - m. c. sobrinha Catarina; - Familiares de Helena Esteves (pg).
Quinta 24	18:30	- São João Baptista.
Sábado 26	19:15	- Anselmo Cerqueira Bota, Pais e Sogros - m. c. Esposa; - Maria Ascensão Oliveira Pimenta Vieitas - m. c. filha Cristina; - Nossa Senhora do Carmo - m. c. Carla Sofia; - Aníbal da Costa e Sá e Esposa - m. c. Carla Sofia.
		XIII Domingo do Tempo Comum
	07:00	- Povo de Deus.
Dom. 27	11:00	- Agostinho Martins Marques Armada e Familiares - m. c. Esposa; - José de Barros Martins e Familiares - m. c. Família.

Avisos

No próximo fim de semana, a equipa de acolhimento para as celebrações de culto, é a equipa dos Escuteiros. Obrigado.

Boa Semana!

FICHA TÉCNICA
Propriedade: Paróquia de S. João da Ribeira • **Diretor:** Pe. Manuel de Almeida e Sousa
• **Publicação:** Semanal • **Tiragem:** 300 Ex. **tel.** 258 944 132 • **E-mail:** parocoribeira@diocesedeviana.pt
• **Site: www.**paroquias-ribeira-fornelos-queijada.com • **Facebook:** Paroquias Ribeira Fornelos Queijada
• Isento a) nº 1 art 12º DR 8/1999 de 9 de junho.

O JOANINO

Nº 1137 – 20 a 26 de Junho de 2021

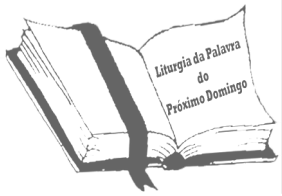
DOMINGO XII DO TEMPO COMUM

Deus preocupa-se com os dramas dos homens? Onde está Ele nos momentos de sofrimento e de dificuldade que enfrentamos ao longo da nossa vida? A liturgia do 12º Domingo do Tempo Comum diz-nos que, ao longo da sua caminhada pela terra, o homem não está perdido, sozinho, abandonado à sua sorte; mas Deus caminha ao seu lado, cuidando dele com amor de pai e oferecendo-lhe a cada passo a vida e a salvação.

A primeira leitura fala-nos de um Deus majestoso e omnipotente, que domina a natureza e que tem um plano perfeito e estável para o mundo. O homem, na sua pequenez e finitude, nem sempre consegue entender a lógica dos planos de Deus; resta-lhe, no entanto, entregar-se nas mãos de Deus com humildade e com total confiança.

No Evangelho, Marcos propõe-nos uma catequese sobre a caminhada dos discípulos em missão no mundo... Marcos garante-nos que os discípulos nunca estão sozinhos a enfrentar as tempestades que todos os dias se levantam no mar da vida... Os discípulos nada têm a temer, porque Cristo vai com eles, ajudando-os a vencer a oposição das forças que se opõe à vida e à salvação dos homens.

A segunda leitura garante-nos que o nosso Deus não é um Deus indiferente, que deixa os homens abandonados à sua sorte. A vinda de Jesus ao mundo para nos libertar do egoísmo que escraviza e para nos propor a liberdade do amor mostra que o nosso Deus é um Deus interveniente, que nos ama e que quer ensinar-nos o caminho da vida. *In "Dehonianos"*



Iª Leitura: Sab 1, 13 - 15. 2, - 23 - 24;

Salmo Responsorial: 29 (30);

IIª Leitura: 2 Cor 8, 7 - 9. 13 - 15;

Evangelho: Mc 5, 21 - 43.

LITURGIA DA PALAVRA
Domingo XIII do Tempo Comum
27 de junho de 2021

Primeira Leitura:

Leitura do Livro da Sabedoria

Não foi Deus quem fez a morte, nem Ele Se alegra com a perdição dos vivos. Pela criação deu o ser a todas as coisas, e o que nasce no mundo destina-se ao bem. Em nada existe o veneno que mata, nem o poder da morte reina sobre a terra, porque a justiça é imortal. Deus criou o homem para ser incorruptível e fê-lo à imagem da sua própria natureza. Foi pela inveja do Diabo que a morte entrou no mundo, e experimentam-na aqueles que lhe pertencem.

Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial:

Eu Vos louvarei, Senhor, porque me salvastes.

Segunda Leitura:

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Já que sobressaís em tudo – na fé, na eloquência, na ciência, em toda a espécie de atenções e na caridade que vos ensinámos – deveis também sobressair nesta obra de generosidade. Conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele, que era rico, fez-Se pobre por vossa causa, para vos enriquecer pela sua pobreza. Não se trata de vos sobrecarregar para aliviar os outros, mas sim de procurar a igualdade. Nas circunstâncias presentes, aliviai com a vossa abundância a sua indigência para que um dia eles aliviem a vossa indigência com a sua abundância. E assim haverá igualdade, como está escrito: «A quem tinha colhido muito não sobrou e a quem tinha colhido pouco não faltou».

Palavra do Senhor.

Aleluia: cf 2 Tim 1, 10

Jesus Cristo, nosso Salvador, destruiu a morte e fez brilhar a vida por meio do Evangelho.

Evangelho: Mc 5, 21 - 43.

VIDA CRISTÃ

- No dia 15 de Junho do corrente ano faleceu o Senhor ***Manuel Rodrigues Gonçalves***, aos 81 anos.

Esteve em câmara ardente (reservada aos familiares) no Monumento de Cristo Rei.

A celebração exequial teve início às 10:00 horas do dia 17 de junho. Foi a sepultar ao cemitério local da Ribeira.

A missa de sétimo dia, vai ser celebrada na próxima segunda-feira, dia 21, às 19:30 horas, na Igreja paroquial.

Aos familiares e amigos as mais sentidas condolências.

O QUE BUSCAS ESTÁ NO SILÊNCIO E NA QUIETUDE

Hoje há conforto, mas não há descanso. Todos temos fome de plenitude, mas deixamo-nos satisfazer por futilidades. Quero o que é profundo, mas vou-me contentando com aparências. Busco a luz, mas ando maravilhado atrás de meros reflexos…

Aquilo que sou depende muito mais do que abdico do que daquilo que conquisto. Aperfeiçoar-me é uma purificação. A iluminação só chega depois de termos esvaziado tudo o que apenas faz sombra. O que enche, mas não sacia.

Andamos todos, cada um à sua maneira, em busca de Deus. O mais belo é que quando alguém bate a uma porta de um mal qualquer está, ainda assim, à procura de Deus.

É preciso que nos calemos e paremos. Que quebremos a lógica dos dias cheios de compromissos e obrigações, onde tudo é importante, mas só por um momento. Tudo passa, tudo desaparece com a mesma rapidez com que chegou.

O espírito já não sabe parar, nem o corpo.

Sabemos que há algo de errado nesta forma de viver. Queremos mudar, mas não mudamos. Queremos descansar, mas não paramos. Como se não tivéssemos vontade de mudar de rumo e nos deixássemos deslizar pela suave descida da decadência.

Tal como as brasas entre a cinza. Não podemos deixar que as nossas dimensões mais profundas sejam sufocadas. É preciso que paremos e façamos o que importa.

Os nossos dias, meses e anos passam, nascem e morrem, como estações em que o comboio passa sem parar. Como se tivéssemos uma vida possível, mas que não chegamos a realizar. Com pressa de chegar a um lado qualquer que não existe, ou então a fugir, com medo daquele silêncio que nos empurra para diante de nós mesmos, onde, olhos nos olhos, não podemos mentir.

Era tão bom que eu me deixasse de preocupar com as coisas sem importância e dedicar-me mais ao que tenho à minha responsabilidade. Só tenho esta vida, este tempo em que passo. Onde cada dia é uma dádiva tão única que jamais se repete.

Se ao menos eu fosse capaz de querer saber de mim como quero saber dos outros, se eu tivesse a coragem de me transformar com a mesma convicção com que critico e dou conselhos aos outros… se ao menos eu fosse capaz de perceber que só a mim posso mudar, e que é mudando-me que começo a mudar o mundo.

A verdade precisa de silêncio para se fazer ouvir. O silêncio que se lhe segue é ainda verdade, e é também a mais importante das respostas que lhe podem ser dadas.

Agradece-se a vida em silêncio.

Que eu aproveite a vida que me é dada. Vivendo-a.

José Luís Nunes Martins, in "Ecclesia"

O MOCHO JORNALISTA

A editora Paulus publicou, em 1998, um interessante livro com o título *Educar através de Fábulas*. É uma tradução da obra espanhola *Fabulas Y Relatos* em que os autores Alfonso Francia e Otilia Oviedo, à boa maneira pedagógica, quiseram "ensinar" os humanos a partir do exemplo dos animais. São fábulas nas quais revemos muitos dos nossos comportamentos. Fixei a do *"O mocho jornalista"*, por ver aí as características de qualquer discreto investigador e sábio observador. Eis a fábula. Numa assembleia de animais, cada um propunha aos outros aquela atividade que, na própria opinião, pudesse estar mais de acordo com as suas características e possibilidades. Ao mocho – que só consegue olhar de frente, mas vê bem tanto de noite como de dia – atribuíram-lhe o trabalho de jornalismo de investigação, desse que combate a corrupção. Faria reportagens maravilhosas, porque encarava os problemas, sem rodeios nem jogos politicamente corretos, fazendo um trabalho ímpar mesmo de noite, porque, de noite, também se fazem muitas maldades. O mocho, crente nas capacidades que nem ele conhecia, aceitou entusiasmado. Começou a seguir os movimentos dos animais mais importantes e a fazer reportagens muito originais e decisivas. Imaginava a cara dos leitores quando se encontrassem com a denúncia que fazia do *cuco* que criava os filhos nos ninhos das outras aves, da *raposa* que devorava galinhas inocentes, do *leão* que aterrorizava todos os animais pela sua força e violência. Também do *ouriço-cacheiro* que vive solitário e sempre com os espinhos de fora, do *papagaio* charlatão de lindas teorias, mas que, de trabalho, nada! e do *pavão real* que zomba dos outros. E também da *cigarra* que canta e não trabalha. Chegou o dia de levar as reportagens ao jornal. Começou pela da cigarra. Foi um escândalo. Parecia que todas as cigarras do mundo se tinham juntado para cantarem, raivosas e vingativas, dia e noite, à porta do mocho. Uniram-se a elas muitos outros animais que também receavam críticas duras e mordazes… *In "Ecclesia"*